3 1761 07044990 5

PQ
9261
C3A15
1877
v.9

O DEGREDADO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

IX

O DEGREDADO

...Por se não perderem da memoria dos homens que escreverem depois de nós, tão gloriosos feitos.

JOÃO DE BARROS, *Decada I, Prologo.*

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68 — Praça de D. Pedro — 68
1877

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique de Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

PQ
8361
C3A15
1877
v. 9

Typ. Editora—Praça de D. Pedro 67

Casa Letras

AOS SENHORES FIDALGOS DA CASA REAL

E

CAVALLEIROS PROFESSOS DA ORDEM DE CHRISTO

Offereço a Vossas Excellencias por dois tostões esta biographia de um seu confrade. Vão as suas pessoas, senhores fidalgos e cavalleiros professos, ufanar-se do irmão d'armas que tiveram na sua cavallaria.

Deus guarde a Vossas Excellencias para confusão de Bonança, de Latino Coelho, de Oliveira Marreca e das outras cabeças da hydra.

De S. Miguel de Seide, aos 20 de Novembro de 1876.

ADVERTENCIA PREAMBULAR

Este opusculo é um fragmento do meu Nobiliario. Quando a obra completa vier a lume, terei esboçado o perfil do meu paiz n'este quartel do seculo XIX. No anno 3000, a historia das actuaes traças e mánhas portuguezas será estudada no meu *Nobiliario*. Se houver lacunas e imperfeições n'este livro, serão preenchidas e sanadas pelos annuncios erothicos e fescininos dos jornaes medianeiros nas coisas mais secretas e delicadas do peito humano:—completa madureza da civilisação pela imprensa. Se o *Jornal de Noticias* me consente a presumpção, af-

foito-me a vaticinar que na podridão do fidalgo de ruim casta hade tresandar mais a ethnographia do seculo XIX do que no alcayotismo dos amoríos estampados e atirados nas azas dos quatro ventos a milhares de leitores (*Tiragem:* 25:500 exemplares).

Estudiosos que patinhem no marnel dos meus commendadores hão de ser em maior numero, se não me engano, que os curiosos em descobrir quem fosse a senhora do annuncio — *chapeu verde, luneta de tartaruga* — a qual bem pode ser que fosse uma tartaruga de lunêta.

Seja como fôr, lá vamos todos para a posteridade.

O DEGREDADO

Tem Portugal uns povoados sertanejos que os politicos e os litteratos exploram, mettendo a riso as coisas e as pessoas de lá. Aqui ha trinta annos, os folhetinistas deitaram a garra a Figueiró dos Vinhos e Freixo de Espada á cinta. Mal diriam elles que d'este velho burgo acastellado havia de sahir o fulminador de Jehovah e do diabo, o sr. Guerra Junqueiro, o mais bizarro pintor de uma sociedade morphetica, e o mais canoro secretario geral que ainda ouviram ministros do reino e governadores civis! Eis o ponto culminante onde pode trepar um *aëdo* portuguez — fallando á grega como elles —

se cavalga pegaso sem esparavões. Poeta que, hoje em dia, com os seus cantares, apanhe emprego de lotação de 400$000 rs. afóra emolumentos, corresponde ao grego Simonides que, em concursos poeticos, ganhou 56 bois. Bons tempos! Um hymno grego rendia uma manada de rezes pezando pouco mais ou menos 32:000 kilogrammas; hoje, e aqui no paiz da madre-silva e da larangeira, não ha quem abra concurso de sonetos a meio bife.

A omnipotencia do plectro, ainda assim! No periodo tenebroso dos Cabraes, quando o poeta era um ilota que queimava as azas do genio em meios-ponches fiados no Marrare das Sete-portas, o sr. Guerra Junqueiro, se florecesse então, vingaria enternecer ministerios em pezo, para demonstrar que na Thracia e em Portugal apparecem Orpheus, quando é necessario mover ursos ao som da lyra. [1]

Quem quizer saber o que eram os Cabraes e a Poesia, ha trinta annos, em Portugal, medite n'este trecho de um folhetim de *Braz Tisana*, «Periodico dos Pobres» de 14 de março de 1845:

Alli, em Freixo de Espada á cinta, nasceu tambem o primeiro jesuita portuguez, o padre Gonçalo de Medeiros. Dois filhos que não parecem da mesma mãe. Compensações. O mal que fez o jesuita anda o poeta a remedial-o.

Depois, chegou a vez á *aldeia de Paio Pires*, a *Maçãs de D. Maria*, a *Cucujães*, e *Ranhados*. A ironia fez d'estas povoações uns symbolos de morgados lôrpas, de morgadas nutridas, de deputados parranamente beldroegas e de trovistas ainda iscados do romantico soláo. Ninguem já ousava dizer que nasceu alli. Muita gente não se baptisava para não haver documento de haver nascido. As familias decentes emigraram, falsificando os passaportes. É que a ironia dos noticiaristas passara por alli assoladora como as

A sr.ª D. Antonia Gertrudes Pusich acaba de enriquecer o Parnaso lusitano com uns lindos versos sobre o Judeu Errante... Esta senhora é tanto mais digna de elogios quanto por vergonha nossa vemos a Poesia dada em droga na patria de Camões, de Ferreira, de Bocage e de Filintho Elysio... Parece que a Politica é inimiga da Poesia.

Estas seis linhas pintam o cyclo negro das lettras patrias com tal precisão e relêvo que parecem de Cornelio Tacito.

patas dos cavallos numidas e a cimitarra dos filhos do crescente.

Hade haver um seculo que a aldeia mais chasqueada era a *Samardan.*[1] Filintho Elysio valeu-se d'aquella aldeia todas as vezes que necessitou naturalisar um patola. Entre varios lanços das suas obras, escolho o seguinte:

Sahiu da Samardan certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida, e fossa, e sûa, arranca á Terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico a Samardan; vinhas, searas,
Casas, moveis, baixélla compra fôfo:
Brocados veste, vae-se nos domingos
Espanejar á Egreja, acompanhado
De lacaios esbeltos; vem o Cura,
Saúdal-o com agua benta; os mais graudos
Do logarejo a visital-o acorrem;

[1] *Samardan* é de raiz persa. O successor de Cambizes e predecessor de Dario chamava-se *Samardous.* Estes meus processos etymologicos são da eschola do *Amador Patricio* das «Antiguidades de Evora» que *Samardou* viesse e desse o nome á Samardan é hypothese melhor de aceitar que a outra de ter vindo o heroe de Homero fundar Lisboa; porque chamando-se o heroe *Odisseus* não é crivel que em Lisboa se crismasse em Ulysses.

Para elle os rapapés, as barretadas
Se apostavam de longe a qual mais prestes.
Fallavam-lhe os visinhos e a gazeta
Na celebre Paris, cidade guapa
Onde todo o estrangeiro nobre ou rico
Vae fazer seu papel. Eil-o azoado
Que deixa a Samardan, que se apresenta
Na capital franceza; roda em côche,
Alardeia librés; passeia Louvres,
Versalhes, Trianões. Volta enfadado
Á sua Samardan.—«Gabam tal gente
«De polida! Oh! mal haja quem tal disse!
«Corri casas, palacios, corri ruas;
«Não vi um só, nem grande nem plebeu,
«Que, ao passar, me corteje c'o chapeo.»

O padre Francisco Manuel, se em vez da Samardan,—serrana e fragosa aldeia, que não tem egreja nem cura—escolhesse para terra natal do seu rico parvajola alguma das cidades notaveis do reino, teria escripto um conto verosimil.

Do Porto da minha mocidade, abalavam ás vezes *para a Europa*, diziam elles, uns moços dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a rua da Sovella ou da Reboleira, onde haviam nascido, estavam dentro da Europa. Cada um le-

vava quatro malas inglezas, como quem ia para os confins da alta Azia. Mandava inscrever o seu itinerario no *Periodico dos Pobres*, e gastava quinze dias a despedir-se de parentes e amigos com o ar pensativo de quem ia fazer uma viagem de circumvalação.

Estes Franklins e Cooks de cabotagem deixavam as amadas com ataques hysthericos, nervosas de ciumes das dansarinas de Paris, das grandes lorettes ou loureiras, portuguezmente fallando, da Cora Pearl, de mad. Paiva, que tinha palacio com escadaria de onix, e era esposa d'aquelle galhardo moço portuguez-macaense, que lá se matou ha seis annos, cerrando com o suicidio a mêda dos desatinos. As princezas da *Nova Babylonia* de Eugène Pelletan eram conhecidas até á Porta de Carros. Vogava então o *chic* em Paris, — o *chic* nacionalisado em Portugal trinta annos depois, quando lá em França já diziam *Zing*. [1]

[1] On ne dit plus *chic*. C'est recoco. C'est bourgeois. Et quand une femme a du genre et de l'élégance, on dit qu'elle

Da parte das damas zelosas, diga-se verdade, era isto um luxo de ciumes. Aquelles mancebos entravam em Paris, serios e sôrnas como o nosso padre Simão Rodrigues quando ia ao collegio de Santa Barbara conferenciar coisas do ceo com o seu amigo Ignacio de Loyolla.

Escolhiam aposentos em bairro de celebrada gravidade, no *Saint-Germain: hôtel de Londres*, ou *hôtel des Ministres*. A barba britannica do viajante, a sua taciturnidade de inglez em jejum, o ar recolhido de quem está ruminando a *Guia de conversação*, requeriam casa pacata, vedada a estroinas mettediços com quem está calado, e a mulheres que viajam cheias de um cosmopo-

a du *Zing*. «Diccion. de l'argot» 1872. *Paris*. Ha 40 annos que Th. Gauthier escrevia *chic*. A brilhante escriptora a Sr.ª D. Guiomar Torresão applica em vez do *chic* o moderno *du chien*. (Almanak) Já não é bem moderno. CHIEN.— Flamme artistique, feu sacré. Abreviation de *sacré chien* (aguardente) pris dans une acception figurée—Elle á réellement du chien, cette femme-lá. (Droz) etc. Tambem se liga o *Zing* com o *chien*. Exemplo: Une toilette pourrie de Zing et persillée de chien. (*Vie parisienne*, 1866.) Isto era ha nove annos. Bem pode ser que hoje o vasconso dos *estaminets* e das *boulevardieres* não diga *chic*, nem *zing* nem *chien*.

litismo palavroso e compromettedor para sujeitos que não aprenderam, de transfuzão, as linguas como os apostolos. Pegavam logo de estar tristes, e a sentirem saudades da Porta-Moré, do Café-Guichard e da Assembléa da Trindade. Quando ouviam sinos em dia sanctificado, o coração voava-lhes para a missa do meio dia nos Congregados—a egreja do tom onde a Fé, que manca, entra sempre encostada ao hombro do deus de Gnido.

Passeavam nostalgicos as suas indigestões de trufas pelos boulevards. Á noite, esporeados pelo tedio, entravam em Mabille, e respiravam um ar saturado de anisette, de patchouly, de marrasquino e almiscar — o bafio das carnes nuas bezuntadas e sacudidas pelo regambolear do *cancan et demi.* [1] Sahiam d'ali, todavia, frios e impollutos como os sacerdotes de Cybele; e, ao outro dia, afivelavam as malas, e regressavam da

[1] *Nous avons le cancan gracieux, la Saint-Vemonienne, le demi-cancan, le cancan, le cancan et demi, et le chant. Cette dernière danse est la seule prohibée.* Alph. Karr.

Europa, cheios de cansaço e com mais alguns gallicismos, a restaurar-se no jardim de S. Lazaro e nas Fontainhas.

O padre Nascimento não iria á penhascosa Samardan procurar personagens, se houvesse florecido n'estes tempos modernos em que o dinheiro abriu caixas filiaes da Samardan nos centros das grandes cidades.

*
* *

Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia Transmontana, entre as serras do Mesío e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem á aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancellar as portas dos curraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubremente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com rapo-

zas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi alli que eu me familiarisei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me irriçaram os cabellos.

Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fôjo — uma cêrca de muro tosco de calháos a êsmo onde se expunha á voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da preza, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sobre o espinhaço; porém transpor de salto o muro era-lhe impossivel, por que a altura interior fazia o dobro da externa. A fera provavelmente comprehendia então que fôra lograda; mas em vez de largar a preza, e aliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o

salto, a estupida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Prezenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

De uma d'essas vezes, puz sobre uns sargaços a *Arte* do padre Antonio Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltara a fera, e, posto ás cavalleiras do muro, gastei a polvora e chumbo que levava granizando o lobo, que raivava dentro do fojo atirando-se contra os angulos asperrimos do muro. Desci para deixar o lobo morrer socegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a junctura de duas pedras. Andava elle passeando na circumferencia do fôjo com uns ares burguezes e sadios de um sujeito que faz o chylo de meia ovelha. Depois, sentou-se á beira da restante metade da rez; e, quando eu cuidava que elle ia morrer ao pé da victima, acabou de a comer.

É forçoso que eu não tenha algum amor-proprio para confessar que lhe não metti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo n'aquelle tempo eram inoffensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.

Este conto veio a proposito da Samardan, que distava um quarto de legua da aldeia onde passei os primeiros e unicos felizes annos da minha mocidade.

*
* *

Conheci na Samardan um padre Francisco Vieira, bom sacerdote, amigo de ler, e que sabia de cór as *Viagens de Anacharsis;* e, como desejasse possuir uma erudição completa, pediu-me que lhe ensinasse a conta de repartir por quatro lettras, segundo o systema do sr. Emilio Achylles Monteverde. Elle estava munido do *Manual Encyclopedico*; mas não percebia nitidamen-

te o que fosse *dividendo*, *divisor* e *quociente;* todavia, como era bastante subtil, padre Francisco, com assiduo estudo e trez mezes de exercicios, conseguiu repartir por quatro lettras, e tirar a prova pela regra dos noves. Este padre morreu novo; se continuasse a estudar, talvez viesse a responder com acerto a este *problema* do *Manual Encyclopedico*, pag. 178, ediç. de 1870: *Pergunta-se: quando é que uma pessoa nascida em* 1864 *terá completado* 25 *annos?*

Que recordações! e que saudades!

Nas tardes de estio, iamos nadar a uma levada de um corrego que se despenhava da serra. A agua era frigidissima, lodosa e impenetravel ao sol. A ramaria entrelaçada dos freixos e amieiros fazia d'aquelle poço um banho ageitado á castidade de Suzana e á nossa. Padre Francisco, a ultima vez que lá entrou commigo, sahiu gelado e sem sentidos como Frederico Barbarôcha de certo rio da Armenia. Estou-me a ver derreado com o padre ás costas, sem attentar, no auge da minha afflicção, que eu o levava como se fugisse

do Paraiso com meu avô Adão chloroformisado. Acudiram-me os camponezes, depois de me contemplarem de longe e espavoridos como os saloios de Troia quando viram sahir Eneas da cidade com o pae ás cavalleiras. As mulheres não ultrapassaram as fronteiras de uma honesta curiosidade assim que viram aquella nudeza grega e antiga de mais para a Samardan; e os homens, com o meu exemplo, começaram a friccional-o com as suas mãos de cortiça tão efficazmente que o padre veio a si, dando os gritos agudos de um esfollado. Estava salvo. Fizeram resumar á pelle o sangue congestionado. Se morresse n'aquella occasião, ia sem saber o que era o quociente.

Ás vezes, depois de jantar, sahiamos pela aldeia a esmoer a gallinha e o prezunto. A sr.ª Luiza, esbelta e farta irmã do clerigo, dava-nos em cada jantar uma gallinha loura reclinada sobre um escabello de prezunto, com travesseiros de chouriço.

Havia um grande *dividendo* de aves na ca-

poeira d'aquella casa; os *divisores* eramos nós; o *quociente* era metade das gallinhas para cada um. Fiz-lhe comprehender ao padre com este simile de cozinha os mysterios da arithmetica.

E eu saía impando por aquellas barrocas da Samardan, meditando e dizendo com o meu Horacio:

Ibam forte Via Sacra, sicut meus est mos, etc

Ás pessoas esquecidas do seu latim não se figure que padre Francisco ia fazer *Via Sacra.* Não lhe faltaria vontade e devoção; mas Samardan não tem calvario nem egreja senão a que Filintho Elysio lhe phantasiou nas citadas trovas.

*
* *

Uma vez, em um d'esses passeios, ao cerrar da noite, fiz reparo n'um grande pardieiro descolmado com dous descancelados portaes que rossavam pelo beiral do tecto.

—Aqui vive gente, padre Francisco?—perguntei.

—Não. Este cazarão era a córte da arreata do João do Couto. Mal o conheci, mas ainda me lembro de o ver á frente de vinte machos d'este tamanho.

E, dizendo, levantava o braço tres palmos acima da propria cabeça.

Continuou:

—Os machos traziam chocalhos grandes como sinetas que se ouviam badalar a meia legua. Quando João do Couto entrava por aqui dentro com a sua récua, vinha toda a gente ás portas comprimental-o. O seu negocio era lá para o sul. Ia a Lisboa todos os mezes levar prezuntos de Lamego e salpicões de Chaves. Ganhava muito dinheiro, chegou a ter seis mil cruzados em peças; mas, afinal, gastou tudo, arruinou a cazinha dos pais, vendeu os machos, fugiu da terra, e taes proezas fez no Alemtejo que foi degredado para Africa por toda a vida—hade haver quinze ou vinte annos. Por aqui ha homens

da sua creação que podem contar-lhe as extravagancias do João do Couto. Era um rapaz mal encarado, e valente como as armas. Jogava o páo por tal feitio que, em romaria onde elle fosse, as bayonetas dos soldados voavam das espingardas; e, sendo preciso, saltava por cima de um homem, e ficava em guarda com o páo atravessado. A justiça perseguiu-o por pancadas que deu; gastou com isso dinheiro grosso; mas quem no arruinou foram as mulheres.

N'este ponto da narrativa, o padre fez um parenthesis, e revelou conhecimentos não vulgares, citando philosophos e santos padres mui apropositadamente. Disse que Platão duvidara se ajuntaria as mulheres com os homens, se com os brutos. Quantas conhece o leitor unidas aos ultimos para realisarem a hypothese do divino Platão! Accrescentou que lêra em certo auctor antigo que a cabeça do homem tem tres miolos e a mulher um.

Padre Francisco não me pareceu que tivesse os tres perfeitos, teimando em dar credito ao seu

auctor, depois que eu lhe mostrei anathomicamente o cerebro de uma gallinha egual na estructura e na forma ao de um capão que se comeu por amor da sciencia. A instrucção d'este homem sahiu-lhe toda da capoeira.

Não obstante, desfazendo sempre nas mulheres, contou-me o caso tragico d'onde se motivou a ruina do frascario almocreve.

*
* *

Havia nos arrabaldes de Villa Real, em uma aldeia chamada Borbelinha, um cirurgião, casado com uma rapariga bonita. [1]

João do Couto, se varria uma feira, nem sempre sahia com a cabeça illesa. Quando lh'a quebravam, ia curar-se a Borbelinha, e prezen-

[1] A novella tem a liberdade de alargar as fronteiras das provincias quando lhe convem. Estou historiando factos occorridos na provincia transmontana; porém, como o remate d'esta biographia ha de passar-se no Minho, espero que os geographos se não aproveitem d'isto para me vedarem o accesso ao templo dos immortaes, onde ha logar para todos.

teava bizarramente o facultativo. Desde que lhe viu a consorte, deixou-se avassalar da tentação. Quando estava em caza descançando ou arranjando frete para Lisboa, ia aos domingos no seu mais nedio macho, com gualdrapa e cobrejão escarlate de borlas, e testeira de chapas amarellas, visitar o cirurgião e brindàl-o com algum mimo da côrte. A esposa d'este sujeito, era algum tanto ligeira, e d'aquellas que auctorisaram o sabio antigo a assignar-lhes um só miôlo. O marido, não extranho á phrenologia, descobriu-lhe a bossa, e começou a espreital-a pé ante pé como quem traz pedra no sapato; e, além da pedra, trazia um par de pistolas reiunas nos coldres da egua. [1] O valentão da Samardan não lhe mettia medo com a sua chibantice. Apprendera o cirur-

[1] Os diccionarios decerto desconhecem o adjectivo *reiunas*. Nas provincias do norte espingarda ou pistola *reiuna* são as dadas pelo rei á infanteria ou cavallaria. Agora, depois que por um milagre de esforço e contensão de espirito se descobriu que não é o rei, mas sim o povo que paga as armas com que a linha vertical do mesmo povo se mantem entre a ponta da bayoneta e a parede, as armas não são reiunas, são do Estado.

gião de Borbelinha a arte nas ambulancias do exercito anglo-luzo. As amputações sanguinosas, o estertor dos agonisantes e o tráfego com a morte levaram-no a dar á vida humana importancia insignificante. Ganhára fama de bravo no exercito, porque nunca o viram nas bagagens. O seu posto voluntario era onde as fileiras metralhadas rareavam. Ás vezes, tirava a espingarda da mão ainda quente de um cadaver, mordia o cartucho e punha o fito com tal olho e firmeza que não perdia uma bala. «Vou logo procural-a, entre a quarta e quinta costella d'aquelle francez, dizia elle.»

Quando recolheu da guerra, casou com a filha de um lavrador sua parenta. Grangeou merecida fama, e em poucos annos adquiriu bastantes bens. A mulher, creada na liberdade do campo, nas romarias, nas funçanatas das esfolhadas, estranhou o resguardo que lhe impunha a sua qualidade de esposa de cirurgião. Verdade é que ella o tinha conversado d'amores n'outro tempo; mas então era elle simplesmente san-

grador e dentista de boticão; foliava nas esturdias, nas mascaradas, e tocava requinta. Agora, porém, achava-o mudado. A casaca de briche, o chapéo de felpo, os berloques, o tom sentencioso dos dizeres, a seccura de marido que dá á esposa a honra de lhe tratar das piugas, desconvinham ao genio trêfego da moça.

Ora João do Couto era a encarnação do ideal de Rosa de Borbelinha. Quando ella o viu, teve uns assomos de doidice franca e lorpa como só nas aldeias ainda se encontra. Vira a fórma palpavel do seu sonho. Depois, o juizo reagiu á explosão da sua inconsciente e selvagem alegria. Tornou-se por isso sombria e velhaca, olhando de esguêlha para o almocreve. Foi então que Manoel Baptista, o cirurgião, suspeitou e disse de si comsigo, olhando para João do Couto: «Estás bem aviado....»

O da Samardan temia-o; havia uma força grande que o acovardava: era o amor, ou talvez que fosse o involuntario acatamento que lhe impunha o direito irrefragavel dos maridos. O certo é que

o almocreve não deu aos seus deshonestos propositos o desenvolvimento que habitualmente coroava as suas emprezas da mesma laia. Como o cirurgião o recebesse de má catadura, absteve-se de ir a Borbelinha; mas, intermettendo uma alcôfa bem remunerada nos seus planos, Rosa estava a pique de perder-se, passando-se do esposo para o amante.

Entretanto, Manoel Baptista soube que D. João VI dava no Rio de Janeiro liberalmente habitos de Christo a quem lá ia felicital-o pelo triumpho alcançado sobre Napoleão. Justamente indignado, viu condecorados uns sujeitos sem serviço algum; e resolveu por isso atravessar os mares e ir á côrte apresentar os documentos da sua bravura nas batalhas, e pericia nos hospitaes de sangue. Queria o habito de Christo para inaugurar em Borbelinha a entrada d'aquella ordem na sua pessoa, e tambem para humilhar em Villa Real uns bachareis em medicina que o não tractavam de collega nem admittiam a votar nas consultas.

Rosa viu com satisfação preparar-se o marido para a longa viagem; mas, chegado o tempo da partida, esmoreceu, quando Manoel Baptista lhe disse que ella ficaria no convento de Santa Clara em Villa Real em quanto elle andasse ausente. E, sem intermissão de dias, conduziu-a ao seu destino, dizendo-lhe que dava aquelle passo para amordaçar as más linguas, visto que, na ausencia dos maridos, as mais castas esposas se expunham a juizos temerarios.

Volvidos dias, na feira de Gravellos, João do Couto, que esbravejava em abafados rancores a sua paixão, passando rente pelo marido de Rosa, não o cortejou; e pouco depois encontrando um seu intimo de Adoufe, façanhudo marchante, que fôra dos dragões de Chaves, convidou-o a beber jeropiga, e tão copiosamente o fizeram, que alli se trocaram reciprocas e intimas confidencias.

—Por uma pouca de má vergonha—disse o almocreve—é que eu não atiro ao inferno a alma do Manoel Baptista.

—Eu cá—disse o Joaquim Roixo de Adoufe—se a historia fosse commigo, já o tinha posto a escutar a cavallaria.

—Homem—observou modestamente João do Couto—olha que elle é tezo.

—A quem tu o dizes! Vi-o eu no meio do fogo bater-se como um soldado razo, e cortava pelos francezes como um porco-espinho no matto; mas um homem desfaz-se de outro, quando é preciso, sem lhe dizer que se ponha em guarda.

—Eu cá não;—redarguiu o da Samardan—á traição não sou capaz de bater n'um homem. Já bati em seis de cara a cara: tenho espalhado com a ponta do páo romarias em pezo; vou ahi para a bocca d'um bacamarte como quem bebe este copo; mas palavra de honra, cato respeito ao Manoel Baptista. Ai!—e arrancou dos seios da alma um convulso arranco—Eu tenho uma paixão de matar pela Rosa! Antes de a ver, era eu um rapaz alegre, affoito, que me não trocava por ninguem. Agora não durmo, não como, não trato de nada, os machos lá estão na estrebaria

sem sahir, morreram-me dois que me custaram trinta moedas d'oiro, e eu fiquei como se não fosse nada commigo. E então, depois que a Rosa está no convento, e eu não sei d'ella nada, dão-me guinas de metter uma navalha no coração! Foi o diabo que me appareceu aquella mulher! O que eu devia ter feito era vir a Borbelinha, atiral-a para cima d'um macho, e fugir com ella por esse mundo além... Sabes tu que mais? —bradou elle, esmurraçando o balcão da taverna—eu sou homem para atacar o convento com mais uma duzia de homens de pello na venta, e raios me partam, se a não tirar de lá!

—Estás prompto, João do Couto! — atalhou o Roixo — mette-te n'isso que ficas estirado á porta do convento. Cada freira de Santa Clara tem um official de milicias a rondar-lhe o convento por fóra, quando lá não está dentro. Se tu deres o ataque, tens de te bater com o regimento inteiro. Olha, João — proseguiu fallando-lhe ao ouvido—só te vejo um remedio: quando ella ficar viuva, caza com ella. Sabes como se

faz viuva uma mulher casada? Não te digo mais nada. Lá vae o ultimo copo á saude da tua Rosa. Vá a virar!

—Abaixo!—exclamou João do Couto.

E despejaram o ultimo quartilho.

Depois, montaram nas suas possantes mulas, e sahiram da feira pela estrada de Villa Real.

A poucos passos, viram Manoel Baptista que levava a passo o seu cavallo adiante d'elles.

—Elle lá vae—disse o Roixo.

—Já o vi; deixal-o ir.

—Tens-lhe medo a valer, ó João!

—Tenho medo mas é d'uma pinga a maior que me vae cá por dentro a queimar o coração. Eu não quero matal-o, já t'o disse.

—Mas deixa andar o macho, não lhe puxes a redea. O homem se dá fé que vamos ficando, cuida que tens medo. Eu cá á minha beira não quero cobardes. Cahia-me a cara, se um dragão de Chaves ficava á rectaguarda do cirurgião de Borbelinha.

E, dizendo, metteu as rozetas das esporas nos ilhaes da mula, que rompeu a galope. João do Couto trotava rente d'elle, resmuneando:

—Qual medo nem qual diabo!

O cirurgião, ouvindo a tropeada das cavalgaduras, olhou para traz; e, como reconhecesse os cavalleiros, desacolchetou os coldres, soffreou com firmeza e resguardo a redea do potro alfário, e deu-lhe de esporas quando elle se descompunha corveteando e rinchando ao aproximarem-se as mulas.

Joaquim Roxo, com o chapéo cahido sobre a nuca, páo de choupa debaixo da perna esquerda, e braço pendido segundo a estardiota dos de sua laia, ia do lado do cirurgião. A estrada era larga; mas quer fosse proposito, quer a embriaguez desgovernasse o freio da mula, o páo ferrado do marchante rossou rijamente na perna do facultativo.

—A estrada é larga, seu bebado! — disse Manoel Baptista.

O Roxo soffreou a mula; e, quasi deitado na

anca, deu um piparote na aba do chapeo, e perguntou:

—A quem é que chama bebado?

—A vossê — respondeu lealmente Manoel Baptista:

—Anda d'ahi! — bradou João do Couto puxando-o pelo braço.

—Larga-me, João—disse o Roxo, atravessando-se na estrada, e endireitando-se sobre o albardão com as difficuldades contingentes ao desequilibrio da cabeça com a cintura.—Larga-me, já te disse!—E, voltando-se para o cirurgião—Conhece-me, ó patrãosinho?

—Conheço; mas não quero relações com tal conhecido. Desempache-me o caminho, quanto antes, é o que tenho a dizer-lhe.

O marchante, arrancando o páo, desenroscou um canudo de cobre que escondia uma choupa de aço de mais de palmo. Manoel Baptista sacou de um dos coldres uma pistola, e esperou sem lhe erguer o cão; o destemido ebrio floreando o longo páo de lódão fez-lhe uma pontoada

ao peito, da qual o salvou o cavallo empinando-se. O cirurgião engatilhou e disparou á cabeça de Joaquim Roxo, que instantaneamente cahiu de borco sobre o pescoço da mula.

N'este conflicto, João do Couto apeou d'um salto, abriu uma navalha hespanhola, e cresceu sobre o cirurgião, exclamando:

—Vossê mata-me o meu amigo, ó su alma do diabo?

O aggredido respondeu com segundo tiro; mas as upas do pôtro não lhe consentiram aproveitar a bala com o seu costumado escrupulo. O almocreve cahiu sobre o joelho direito, por onde a bala superficialmente resvalára.

Havia já ao pé dos luctadores muito povo que vinha da feira, e entre a turba estavam alguns que conheciam o marchante, e por isso gritaram á d'el-rei contra o cirurgião, agarrando-lhe as redeas do cavallo, e dando-lhe voz de prezo.

*
* *

Todas as testemunhas uniformemente deposeram que viram Manoel Baptista disparar dois tiros, matando Joaquim Roxo e ferindo João do Couto. O cirurgião allegava que em justa defeza matara e ferira; mas a lei, aguilhoada pela implacavel vingança do almocreve, e obrigada a ser severa, respondeu que só se dava morte em justa defeza quando o atacado não podia fugir. Ora as testemunhas deposeram que elle, se quizesse, podia fugir para traz. Foi Manoel Baptista sentenciado a degredo perpetuo para a Africa Oriental. Dizia João do Couto, gabando a justiça, que lhe custara dois mil cruzados aquella sentença.

Quando o condemnado sahiu da cadeia de Villa Real para a Relação do Porto, sua mulher acompanhou-o voluntariamente, e contra a espectativa do perseguidor do marido. Não foi o

amor que a moveu a seguir o condemnado; mas, na desgraça de Manoel Baptista, havia a coragem que é sympathica, se a não ennegrece a maldade. Rosa respeitava o marido, e accusava-se de ter sido causa do seu infortunio, posto que elle a não arguisse, nem ella se suppozesse suspeita de haver pensado em deshonral-o. Em 1820 sahiu Manoel Baptista com sua mulher para Moçambique.

* *

João do Couto nunca mais curou de restaurar com o trabalho os haveres desbaratados. Seu pae, Antonio Alves, que possuira uma pequena lavoira grangeada no fabrico do carvão de urze, morreu quando o filho vendeu os ultimos machos; e sua mãe, a tia Maria Florencia, perdeu o juizo, e andava a encommendar as almas, por noite morta, trepando-se aos cabêços da serra. Entretanto, João do Couto, reduzido á pobreza

pelo jogo, e perseguido pelos crédores, fugiu da sua provincia e passou ao Alemtejo, onde, para amparar a vida, se fez jornaleiro em carvoarias de S. Thiago de Cacem, e com o vigor de alma de um penitente se entregou a esse aspero trabalho, fazendo-se estimar de seus patrões. Para se distrahir de lembranças dolorosas da sua alegre e abastada mocidade, jogava a esquineta com os seus companheiros, logrando-os, ou lhes ensinava o jogo do páo por um pequeno estipendio, moendo-os. Corridos dois annos de vida bem comportada, foi admittido em uma sociedade de carvoarias de sobro, por onde lhe seria possivel readquirir os bens esbanjados; mas, apenas a fortuna lhe sorriu, a sua indole brava, sopeada pela pobreza, partiu as algemas, e tornou ás antigas proezas e ribaldarias com o femeaço.

A biographia de certos personagens que floreceram antes da liberdade da imprensa está sumida nos cartorios dos antigos escrivães dos juizes de fora e corregedores. De 1833 em diante

as pessoas extraordinarias tem os seus annaes nas partes de policia, no noticiario do jornalismo e na Gazeta dos tribunaes. A idade média portugueza, pelo que respeita á obscuridade da vida social, terminou ha quarenta annos, com a primeira local de gazeta em que se contou a historia de duas facadas na Madragoa. Antes d'isso, encontrava a gente na rua dos Capellistas um homem no meio da escolta que o levava ali á forca do caes do Sodré, perguntava-se que mal tinha feito o homem: ninguem sabia responder. Lá o esganavam depressa ou de vagar segundo a agilidade do carrasco, e assim acabava com o padecente o segredo de um romance, em que decerto se confundiria a perversidade ingenita do homem e a estupida razoira da lei com admiraveis lances de paixões nobres.

N'esta espessa treva se escondem os pormenores da vida de João do Couto no Alemtejo. Sabe-se positivamente que elle matara dois homens a páo e faca; disse-me alguem que os mortos foram trez; quatro parece-me exagera-

ção. Á justiça bastaram dois para o agarrar, não sem grandes perigos, e o metter no Limoeiro, onde esteve desde 1824 até 1827, suspenso entre o patibulo e degredo perpetuo com trabalhos forçados.

N'estes tres annos foi soccorrido pelos seus patricios. Conheci em Villarinho, aldeia da mesma freguezia de João do Couto, um velho de nome João Claro, almocreve, que todos os mezes sahia a mendigar para o seu camarada prezo, e lhe levava ao Limoeiro as esmolas. Tenho saudades d'este jovial ancião que nunca me chamou pelo meu nome; tratava-me sempre pelo sr. *Rei Telles:* não sei como elle descobriu em mim aquella dynastia dos Telles. Havia n'isto fundo mysterio que João Claro levou comsigo aos abysmos insondaveis da morte.

*
* *

Coube a João do Couto degredo perpetuo para Moçambique. Tinha predestinação auspiciosa. Todos lhe agouravam pena ultima. Ninguem se empenhara a favor do homicida; salvara-o talvez dizerem as testemunhas que elle prestára bom serviço á sociedade matando os dois facinorosos.

Esta nova alegrou-o duplicadamente. Ia para Moçambique onde estava Roza, a perturbadora da sua vida, a unica mulher que elle amara deveras, a causa adorada das suas desgraças.

Alguns degredados, cumprida sentença, voltavam da Africa, e iam ao Limoeiro procurar os seus amigos: não os achavam n'outra parte; e procediam discretamente não exorbitando da sua roda, por que diz um proverbio inglez que não tem esphera nenhuma quem sahe da sua.

João do Couto perguntava pelo cirurgião Ma-

noel Baptista aos repatriados que vinham da Africa Oriental. Todos lhe diziam que o cirurgião estava a enriquecer, que tinha a principal freguezia da cidade, que era o medico do capitão general e do bispo, e que já havia comprado uma quinta em Mossuril; accrescentavam os informadores que a mulher do cirurgião abrira uma grande padaria na rua de Bancanes, de que tirava muito dinheiro, com o qual mandara fazer muitos cazebres na Missanga, que alugava aos negros.

João do Couto de si para si reflexionava que Manoel Baptista, se lá o visse, o mandaria matar por um cafre ou por algum portuguez degredado—peor casta de inimigo.

Não obstante, como adquirira o habito de matar, dispunha-se a não perder esse costume em Moçambique, visto que é bom adoptar os usos de cada terra. Ia por tanto resolvido a vender cara a vida, se o não deixassem vivêl-a com socegada honra — outra excellente disposição que elle levava — viver honradamente em Moçambi-

que, e implantar alli os costumes innocentes da Samardan.

Revirara-se a má cara da fortuna seis annos adversa ao degredado. Quando chegou a Moçambique, e perguntou novas de Roza, disseram-lhe que o cirurgião era fallecido recentemente na Bahia de Lourenço Marques, onde havia ido por ordem do governador geral visitar o governador enfermo.

Alargou-se-lhe o vasto peito para abranger os borbotões de esperança que lhe golphavam do coração. Foi á rua de Bancanes, e parou defronte de uma grande padaria servida por mestiços. Não viu Roza. Perguntou por ella com a voz trémula de amor, de receio e de esperança. Apenas proferira as primeiras palavras, assomou, por entre duas cortinas de chita vermelha, a viuva com o semblante espavorido de quem se ouvisse chamar do fundo de um sepulchro. Reconhece-o, hesita, avança, recua, e faz aquelles tregeitos proprios e já tão nossos conhecidos do proscenio que hoje em dia todos estamos habilitados a

receber artisticamente a apparição d'um pae que não conheciamos; e de muito vêrmos essas mimicas, já quando topamos um sujeito que não vimos desde a semana passada, abrimos a bocca e os braços como se se encontrassem Castor e Polux nascidos no mesmo ovo, depois de uma ausencia de quatro lustros!

Lá estava, pois, a imagem do galhardo almocreve, indelevel e aberta a fogo de saudade, no seio de Rosa de Borbelinha. Levou-o comsigo a mostrar-lhe os seus aposentos, o seu dinheiro, tudo que valia menos que o seu amor. Offereceu-lhe com honesta franqueza a sua casa, a sua meza e as suas roupas. Não lhe offerecia a sua mão, porque ainda não sabia e tremia de lhe perguntar se era solteiro.

O cadaver de Manoel Baptista ainda não estava delido na lama paludosa da Bahia de Lourenço Marques, e já a sua viuva conjugalmente reaquecia o thalamo, como quem quer dizer que casara com João do Couto.

Ninguem nos soube dizer porque motivo o

segundo marido de Rosa começou então a assignar-se *João Evangelista Villa Real.* O sobrenome adoptado do apostolo querido, *Evangelista,* seria para que a mulher, primeiro ligada a um *Baptista,* estivesse sempre em relações indirectas com S. João? Mais um enigma indecifravel n'esta biographia. Quanto ao appellido *Villa Real,* provavelmente adoptou-o da comarca onde nascera.

Prosperou a olhos visto o commercio de João Evangelista em todos os effeitos negociaveis na colonia. A felicidade intima correspondia á boa sorte das emprezas. Amavam-se doidamente. João abençoava os desastres que o arrojaram ao degredo, abençoava a memoria e resava talvez pela alma dos dois alemtejanos que elle matara á paulada; quatro que houvesse descadeirado, abençoal-os-hia tambem o ditoso João Evangelista. A felicidade tem generosidades quasi absurdas!

A importancia politica do marido de Rosa — que já não traficava em padarías — principiou

em 1835 quando os cafres landins fizeram provocada carnagem nos colonos de Inhambane. A sublevação dos cafres comvisinhos d'aquella villa já a tinha previsto o governador Sebastião Xavier Botelho, quando assim descrevia Inhambane: «...Povoada de degredados facinorosos e aziaticos aventureiros que ajuntam á desmezurada cobiça, aquelles a maldade em que tem jubilado, e estes uma refinada preguiça que os desvia do mais leve trabalho...» [1]

A guarnição da feitoria foi espostejada pela vingança dos negros; a tropa enviada em soccorro dos fugitivos pelo capitão-general fugiu diante da nuvem negra dos cafres, que excedia em disciplina e ferocidade a horda de degredados enviados de Moçambique. Aquelles aguerridos selvagens, «se os accomettem, não voltam rosto, jogando adargas e azagaias com alaridos, coragem e ligeireza. Em quanto as armas são de arremeço, não ha dobral-os, nem vencel-os: pele-

[1] Memoria estatistica dos dominios portuguezes na Africa oriental, Lisboa, 1835, pag. 104.

jam como leões; mas como ouçam tiros de arcabuzes, cozem-se com o chão, embrenham-se, e desapparecem na espessura dos bosques, que rompem e trilham melhor descalços que os seus inimigos calçados e armados.» [1]

Sabida na capital a derrota da tropa ás mãos dos negros, João Evangelista Villa Real, que era portuguez semelhante aos do seculo XV e XVI, que por ali andaram a erguer padrões de civilisadores, sentiu-se arder em patriotismo, como ha poucos annos, na Africa occidental, ardeu outro mais celebrado aventureiro, José Teixeira do Telhado. Em patriotismo não ha como portuguezes! Um grande patife lá fóra, nunca deixa de ser um grande patriota.

Dirigiu-se ao capitão general, pediu-lhe cincoenta homens escolhidos entre os degredados, e estipulou que os vestiria e alimentaria á sua custa, com tanto que se lhe desse patente de alferes. Não se consultaram Regimentos militares

[1] *Ibid*, pag. 102.

nem pundonores de dragonas. João Evangelista cingiu a banda, disciplinou e vestiu cincoenta homens, e, arrancando-se aos braços da esposa chorosa, foi para a feitoria de Inhambane, com um phrenesi de acutilar cafres como se fosse vingar os manes insepultos de Manoel de Sousa de Sepulveda. Rebentavam dentro do ricasso mercador umas excrescencias dos figados do carvoeiro alemtejano. Foi um raio que se espargiu em coriscos por sobre aquella cafraria. Arcabuzou nas brenhas os que não retalhou no campo, e recolheu a Moçambique com duas alcofas cheias de cabeças de sovas. O capitão general abraçou-o, e disse-lhe que ainda havia portuguezes de lei. Os seus soldados, erguendo-o nos braços, conclamavam que iriam conquistar a Inglaterra, se elle os commandasse. É que João Evangelista, esbrasiado e ebrio pelo cheiro do sangue, parecia o Lucifer de Milton despenhado no meio d'uns pretos que não soubessem fazer o signal da cruz, como de facto não sabiam aquelles.

Augmentava cada dia a consideração do alferes de milicias. A gente mais qualificada honrava-se com a sua estima, e deplorava que cidadão por tanta maneira egregio não podesse voltar á patria, nem com serviços tão relevantes conseguisse suavisar a desesperada sentença de degredo perpetuo.

Sete annos decorridos, em 1842, revoltou-se o presidio da Bahia de Lourenço Marques. O governador e os principaes proprietarios haviam sido assassinados. A plebe opprimida e conjurada com os degredados que vestiam a farda de soldados portuguezes, vingara os vexames que soffrêra até perder a esperança dos recursos levados ao governo geral. «Não ha cousa que sirva de barreira—escrevia o energico par do reino Sebastião Xavier Botelho—a certos governadores e feitores para se contentarem com grosso cabedal grangeado boamente, deixando ao mesmo tempo viver os pobres, senão que alguns querem abarcar tudo para si com absoluta exclusão dos outros, atraiçoando, roubando e ma-

tando: que de tudo isto aqui ha exemplos: o ponto é enriquecerem-se no praso mais curto, e para este effeito empregam a perfidia e a força... Tem alli havido uma serie de governadores a qual d'elles mais avaro, ambicioso... Cifro-me em dizer que todas as torpezas e devassidões tem ali andado não só desenfreadas, mas auctorisadas...» [1]

Quem auctorisava as devassidões auctorisou João Evangelista Villa Real a organisar o seu terço de aventureiros, e já com a patente de capitão de milicias ir castigar os revoltosos á Bahia de Lourenço Marques.

A lucta foi carniceira e longa. O gentio dos reinos de Inhaca e de Manhiça, os vermes e os anzotes desceram das serranias, pensando que era chegada a hora de lavar com o sangue portuguez as affrontas de tres seculos. O bravo da Samardan entrara n'esta segunda campanha com a vida entalada no dilemma de morrer ou con-

[1] Obr. cit., pag. 91 e 92 e seg.

quistar a liberdade pelo indulto. N'este proposito, os seus atrevimentos eram o espanto dos proprios soldados e o terror do inimigo. Eu, que conheci na paz a cara sinistra d'este capitão de milicias, imagino o que ella seria na guerra.

Ao cabo de dezoito mezes de carnificina, João Evangelista Villa Real recolheu a Moçambique, onde foi recebido em triumpho. Repicaram todos os sinos desde o bairro de S. Domingos até ao da Marangonha. A guarnição apresentou-lhe as armas, e o capitão general brindou-o á sua meza, fazendo votos porque o governo de S. M. F. recompensasse os serviços de tão bravo portuguez, restituindo-o á patria, pela mesma rasão que um monarcha lusitano restituira á liberdade Geraldo Sem Pavor—o conquistador de Evora, ladrão de seu officio.

Estava presente n'este jantar um cirurgião-mór de appellido Miranda, o qual, brindando á saude do ministro do ultramar, disse que a estrella do digno e ditoso ministro lhe propiciara a vinda de João Evangelista Villa Real para Mo-

çambique durante o seu governo. Historiando a defeza do territorio portuguez na Africa oriental, comparou João Evangelista a D. Estevão de Attaide que desarvorara as caravellas dos hollandezes. Depois, em vibrações de enthusiasmo aquecido pelos clamores dos convivas, disse que iria elle a Lisboa solicitar o indulto de João Evangelista; e, quando os *bravos* e os *hurrahs* o deixaram concluir, exclamou:

—E, se eu não obtiver o indulto em Portugal,

Acabe-se esta luz alli comigo

É inexprimivel o effeito d'esta feliz reminiscencia dos Lusiadas!

Eu tambem conheci este Miranda, cirurgião-mór de caçadores 3, em Villa Real, quando elle veio negociar o indulto do capitão de milicias. Em casa estava sempre meio vestido de turco, com turbante, cazacão de seda amarella, chinellas carmezins e refestelado sobre um coxim azul-ferrete, a fumar por cachimbo de porcelana. Era

um pouco rachitico, pouquissimo mussulmano de sua figura; mas em verdade parecia um sátrapa em uso dos caldos peitoraes ferruginosos da pharmacia Franco. Recitava-me as suas «Africanas», umas poesias que tinham da Africa sómente serem versejadas em Moçambique, e pelo seu contexto e lingua não desdiziam de moiras.

Foi este pois o encarregado de promover o indulto, munindo-se dos attestados do capitão general, de uma baixella de ouro enviada por João Evangelista á casa real portugueza, dizem uns, ao ministro competente, modificam outros, respeitando, como eu, os altos personagens. Miranda é que o sabia ao certo, e tambem o sabe o possuidor da baixella.

Como quer que fosse, o indulto foi obtido; abriram-se as portas da patria ao capitão de milicias do presidio de Moçambique, assim denominado no decreto e nos subsequentes alvarás nobiliarios que o esperavam na patria.

Devia ser immenso o jubilo do cirurgião mór

Miranda portador do indulto; mas, no mar alto, morreu abrazado no incendio do navio em que partira. Deu-se o desastre em 1851, se bem me recordo. Quem tiver curiosidade ou memoria pode esclarecer a data e as miudezas do sinistro em que pereceu, na flor dos annos, o vate Miranda, e, por boa sorte das lettras patrias, o manuscripto inedito das suas *Africanas*. Recordo-me que, estando eu hospedado em Lisboa n'um hotel=onde tambem se hospedara um velho cirurgião militar vindo de Africa, e inimigo de Miranda=aquelle, ao dar-me a noticia do naufragio com ares dolentes, accrescentou: «O mar e o fogo disputaram entre si a ver qual dos dois havia de matar aquelle desmedido bruto». Em Africa aprende-se esta caridade.

*
* *

João Evangelista, o bravo, que nunca mudara de côr quando as azagaias hervadas lhe zi-

niam nas orelhas, chorou e desmaiou ao receber a nova de que estava perdoado. A alegria poderia enlouquecel-o, se não se desse nos mesmos centros nervosos a repercussão de uma penetrante angustia. Rosa, quando tratava de enfardelar as suas riquezas, imaginando-se coberta de seda e recamada de ouro em Borbelinha, foi atacada de uma perniciosa, e morreu ao cabo de algumas horas de agonia.

O viuvo cahiu de cama e desejou acabar. Rodearam-no, porém, as geraes sympathias da gente da terra, insinuando-lhe apêgo á vida para poder na sua patria fazer brilhante figura. Quando elle ia cedendo aos rogos e á natureza, aggravou-se-lhe a enfermidade, bojando-lhe na espinha cervical um antraz da peor casta. Mandaram-no confessar, e elle teve medo a Deus n'aquella hora, primeira vez na sua vida em que sentiu a vaidade de se julgar tão duradoiro espiritualmente eterno como o proprio Criador. Antes, porém de se confessar, quiz ver se negociava a vida, compromettendo-se com a Di-

vindade pelo mais extravagante voto de que tenho noticia: *Cazar com a primeira mulher perdida que encontrasse, assim que pozesse o pé no chão da patria.* Ao cabo de quarenta e oito horas, a gangrena parou, a escara do carbunculo despegou-se, e João Evangelista Villa Real estava salvo.

Em 1852, liquidados os bens e os escravos que prefizeram centena e meia de contos, veio para Portugal. Desembarcou no caes das Columnas ás dez horas da manhã, e foi direito á Ribeira Velha, em busca de uma estalagem onde costumava pousar com a recova dos seus machos, quando era o famoso almocreve transmontano. Lá estava ainda a estalagem. Os antigos donos eram já mortos. Á porta da taberna estava frigindo pescadinhas marmotas uma rapariga arremangada, de braços vermelhos, roliços e brunidos das uncções do azeite que espirrava da frigideira. Era a primeira mulher com quem fallava o João Evangelista do voto.

—Ha quarto onde se durma?—perguntou elle.

A taverneira mediu-o da cabeça aos pés, e pauzou a sua observação no grosso grilhão e no alfinete de esmeraldas rutilantes que destacava da gravata escura de setim.

— O senhor quer cá ficar?!—perguntou ella maravilhada de hospede tão limpo.

—Quero, sim, menina.

—Olhe que isto aqui é estalagem de almocreves e de lavradores do Ribatejo.... Eu logo lh'o digo.

—Bem sei. Dê-me o quarto das duas janellas.

—Ah! o senhor já conhece a casa...

—Ha mais de trinta annos.

—Então suba, que lá está o patrão no primeiro andar.

—A menina não é a patroa?

—Nada, eu sou criada. Patroa! tó-carocha! quem dera d'isso...

E dizia estas coisas com tregeitos muito desalgados e frandunos.

A mocetona ainda não tinha visto a bagagem

do hospede: eram oito bahus, afora malas e maletas, um cazal de pretos carregados de viuvinhas, de papagaios, periquitos, um sagui, um terra-nova, tudo recordações vivas da sua defuncta.

Recolhido ao seu quarto, conversou com o estalajadeiro assombrado da bagagem.

—V. S.ª — disse o homem — não sei como não quiz ir para as hospedarias dos brazileiros, para o Alexandrino ou...

—Estou aqui á minha vontade. Já dormi n'este quarto muitas noites... Deus me dê os regalados somnos que eu dormi n'esta cama... Ainda a conheço... estou mais acabado que ella...

—Então V. S.ª é cá de Ribatejo? No meu tempo não me lembro de o cá ver; e mais já aqui estou ha vinte e dois annos.

—Eu tenho cincoenta e seis, e a ultima vez que aqui dormi tinha vinte e quatro...

O estalajadeiro fez a conta e disse:

—Isso então foi no tempo do Damião Camba-

do. Esse homem é que ganhou dinheirama! No tempo d'elle havia almocreves de rópia, que se acabava o mundo quando elles entravam com arreatas de vinte machos por essa Lisboa dentro. Eu ainda fui curador do Damião. Vinham aqui pouzar o Machado de Carção e o João do Couto, lá de Traz-os-montes, e outros que jogavam ahi a ronda a moeda e mais. V. S.ª hade querer almoçar, ou já almoçou? A cozinheira não é de todo peste.

—É a rapariga que estava a frigir?

—É, sim, senhor. Boa cosinheira é ella; mas doida de pedras. Está sempre com a tacha arreganhada a quem lhe diz graçolas, e deixa esturrar os tachos. Agora deu-lhe a têlha de querer casar com um aspeçada de artilheria. Leva boa peça, não tem duvida...

—Mande-me o almoço—disse João Evangelista a pensar no voto.

Quem poz a toalha na meza foi a Clemencia. Chamava-se Clemencia. Vinha muito rosada do lume, e sorria com um esmalte de dentes irre-

prehensiveis. Fazia uns gestos de quadris e movimentos largos enfunando a saia côr de roza, e apertando o balão de junco na estreiteza da porta por onde servia o almoço. Tinha que vêr então.

Findo o almoço, disse João Evangelista:

—Ha muito que não comi com tanto appetite, palavra de honra!

—Que lhe preste, meu senhor.

Tirou elle do dedo um argolão de ouro, deu-lh'o e disse:

—Desde hoje em diante pense em mim, se quizer ser rica.

Clemencia, moderadamente espantada, pegou do annel, remirou-o, e balbuciou:

—V. S.ª dá-m'o? Está a mangar, acho eu!

—Dou. Ouvi dizer que a menina ia casar. Não caze, sem que eu lhe faça uma pergunta.

—Está o amo a chamar-me—disse ella pressurosa para esquivar-se a suspeitas malevolas.

—Vá; que poucos dias hade ser creada de servir.

*
* *

A mudança de clima adoentou-o e produziu-lhe sezões diarias. Clemencia abandonou a cozinha, tanto que João Evangelista avisou o estalajadeiro que desde aquella hora em diante considerasse a rapariga uma hospeda, porque precisava d'ella para sua enfermeira. É inexcedivel o carinho e zelo com que ella velava as noites adivinhando-lhe as vontades á cabeceira do leito. As caricias sahiam-lhe tão expontaneas que não pareciam interesseiras.

Ao cabo de trez mezes, João Evangelista Villa Real erguia-se restabelecido, e cumpria o voto repetido n'esta segunda enfermidade: cazava com D. Clemencia, que é hoje uma senhora a quem a minha penna não ousa adjudicar as condições estipuladas no voto. As reticencias são pontos sem fórma litteral porque só com ellas se consegue não dizer nada, ao passo que todas as in-

delicadezas se acham contidas no *A-b-c*; por mais que a gente se cance em inverter a verdade com o artificio das syllabas, quando se evita a offensa, resalta sempre a ironia. Por tanto...

. . . . . .

*
* *

João Evangelista apresentou-se a dois ministros com as cartas de recommendação do capitão-general. O dos negocios do ultramar gostou de conhecer pessoalmente o heroe de Lourenço Marques. O sol da Africa bronzeara-lhe um sympathico semblante de beduino. Usava bigode espesso e grisalho. Os cabellos eram ainda bastos, negros e lustrosos. Espaduas largas, bem conformado, mas extremamente descarnado no rosto, em que mais por isso realçava o coriscar sinistro dos olhos. Na testa serpeavam-lhe veias pretas, e tinha um nariz movediço e adunco. Contou modestamente ao ministro as suas façanhas

attribuindo-as á valentia dos seus soldados. Deu conselhos, propoz alvitres e pintou com acerto o estado das colonias e o modo de as conservar com utilidade. Quanto ás suas liberalidades na sustentação de um troço de homens, nada disse; mas o ministro sabia que João Evangelista desembolçára vinte contos na guerra de 1842. Ao despedir-se, o secretario de estado perguntou-lhe se pretendia alguma cousa, alguma mercê. João Evangelista respondeu que se considerava que farte remunerado com o indulto. Não obstante, dias depois era agraciado com o habito de Christo.

Deliberou residir na capital da sua provincia, em Villa Real. Transferiu-se para lá; e, sem dizer quem era, foi á Samardan. No caminho, perto de Gravellos, viu uma cruz de pau sob um docel pintado de vermelho, um vermelho que parecia sangue. Na peanha tosca da cruz lia-se o nome de Joaquim Roxo, o assassinado pelo cirurgião de Borbelinha. Descobriu-se e rezou-lhe um Padre Nosso por alma. D'ali em diante, pelo ca-

minho fóra, apossou-se do cavalleiro professo da Ordem de Christo grande melancolia. Via em si o alegre almocreve de trinta e cinco annos antes, e tinha saudades da sua vida de então. Parecia-lhe ver a seu lado a sombra de Manuel Baptista e olhava sobre a esquerda onde por entre os castanhaes alvejava a torre da egreja de Borbelinha. O pensamento ia d'ali a Moçambique, via o rosto cadaverico de Rosa, e demorava-se a imaginar-lhe os ossos ainda vestidos de carne sob a terra gretada pela chuva.

Chegou á Samardan ao lusco-fusco. Bateu á porta dos Vieiras, e pediu gasalhado por uma noite. Já não vivia o padre que me mostrára o pardieiro de João do Couto. Disse que ia para Traz da Serra, e receiava metter-se ao caminho. Com grande pasmo da familia hospedeira, sahiu noite alta, e andou percorrendo a aldeia. Sentou-se á porta da casa onde nascera, curvado, com a cabeça entre as mãos, e chorou! Chorou, senhores, aquelle homem que só devia chorar quando não teve mais pretos que matar, assim

á maneira de Alexandre quando viu que se lhe acabava mundo que avassalar! Ah! n'aquella hora, se os cafres tivessem alma, e as creanças dos cafres tivessem o direito humano de se queixarem orfanados de paes e mães, que legiões de phantasmas não voltearíam em redor d'aquelle cavalleiro de Christo!

Ao outro dia, ao despedir-se da familia que lhe dera hospedagem, revelou quem era, e pediu que se avisassem os seus parentes pobres e os seus credores, ou os herdeiros d'elles.

Confluiram a Villa Real tantos primos que o homem antes se quizera ver a contas com os pretos da terra dos Fumos. Como elle era *Alves* e *Gonçalves* por paes e avós, todos os Alves e Gonçalves d'áquem e d'além Córrego entraram ás chusmas em Villa Real. Ás cavalleiras dos paes iam as creanças, e escarranchados nas albardas dos jumentos cabeceavam os macrobios. A estalagem do Ferro-Velho onde pousára João Evangelista parecia a Kaaba. As caravanas disputavam-se gráos de parentesco no pateo da estalagem.

Distribuiu João Evangelista liberalmente os seus donativos pelos parentes; mas fugiu de Villa Real quando alguns vadios, que não eram seus primos, lhe enviaram cartas anonymas designando as quantias que necessitavam e indicando os logares em que elle, se queria viver, devia depositar-as. O capitão de milicias de Africa fez então o elogio da civilisação dos negros, e evadiu-se para o Porto, visto que não lhe era permittido chamar do presidio de Moçambique a sua ala, e implantar em Villa Real alguns exordios de justiça.

Estabeleceu-se no Porto em 1853, e começou a edificar uma corrente de elegantes casas na rua Bella da Princeza. João Evangelista Villa Real montava sempre um cavallo preto de boa estampa; seguia-o um preto a pé, e precedia-o um cão da Terra Nova. Nos dias santificados, passeava sua esposa, uma senhora dotada de gorduras carminadas, e arquejante debaixo do pezo dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontorio dos seios. Adivinhava-se ali um pas-

sado de fressuras e mãosinhas de carneiro ricas de açafrão.

*
* *

Tinha este homem no seu foro intimo as seguintes cousas:

Primeira. Pancadaria á mão tente na primeira mocidade; navalha hespanhola na bocca, e pau de choupa em riste, nas feiras e romarias.

Segunda. As raparigas da Samardan, e as circumjacentes perdidas de modo que nem o ceo lhes podia valer; porque diz Santo Agostinho que nem Deus póde restituir a virgindade perdida.

Terceira. O pomo da discordia atirado ao seio da familia de Manuel Baptista; o amigo assassinado por amor d'elle; o cirurgião sentenciado a perpetuo desterro, e morto das febres putridas do presidio de Lourenço Marques;

Quarta. O assassinio dos dois alemtejanos,

que eram maus, mas tinham direito á vida que representava o pão de muitas creanças.

Quinta. A torpe ficção de patriotismo com que se investiu para indultar-se de matador de dois brancos, espedaçando centenas de negros que haviam estrebuchado sob o pé de ferro que os esmagava no chão onde o missionario implantára a cruz.

Por sobre estas cousas do foro de dentro, quéria ter por fóra o foro de fidalgo da casa real.

Isto seria absurdo, se uma fatalidade geographica não pozesse João do Couto entre o rio Minho e o Cabo da Roca. Se elle não visse duas commendas da Conceição apresilhadas nas lapellas de dois seus visinhos apanhados em flagrante assalto de quadrilha em Ponte Ferreira; se não visse a farda escarlate n'um réo convicto de testamenteiro falso—ousaria pedir brazão de armas a el-rei seu amo? Se então não coroassem de barão portuguez um corretor de meretrizes no Rio de Janeiro, João do Couto, o ho-

micida lavado na sangoeira dos cafres, pediria a el-rei a faculdade de ir saborear um refresco nas salas da Ajuda? Elle não pensava n'isso. João Evangelista Villa Real, se acceitou o habito de Christo, foi porque soube que Vasco da Gama o tinha acceitado; e, quando pediu o foro de fidalgo, attendeu a que Affonso de Albuquerque e Pedro Alvares Cabral o não tinham regeitado.

Requereu, pois, brazão de armas para encimar o portal do palacete que tencionava construir. O real pulso rubricava o titulo de nobreza d'este homicida rehabilitado pela carniceria de Africa, ao mesmo passo que a indigencia ralava na obscuridade os voluntarios de D. Maria II nas possilgas da cidade heroica, onde João Evangelista fabricava palacios.

O brazão é passado a 2 de junho de 1861, e registado no Cartorio da Nobreza d'estes reinos, no Livro IX, folha 42 v. O sr. visconde de Sanches de Baena traslada-o assim no seu *Archivo heraldico-genealogico*, pag. 286:

João Evangelista Villa Real, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de milicias da provincia de Moçambique; filho de Antonio Alves, negociante, e de sua mulher D. Maria Florencia Alves; neto paterno de Manuel Alves, proprietario, e materno de José Caetano Gonçalves, proprietarto, e de sua mulher D. Maria Gonçalves. Um escudo com as armas dos Gonçalves.

O escudo de Gonçalves é em campo verde uma banda de prata carregada de dois leões vermelhos rompentes. Timbre um dos leões. [1] Este é o escudo de armas passado a Antão Gonçalves que devia de ser tronco d'aquellas vergonteas que florejaram na Samardan.

Darei succinta noticia de algumas familias Gonçalves, extinctas e redivivas na pessoa de João do Couto. No *Nobiliario* do conde D. Pedro, tit. 22, pag. 134, D. Egas Gomes de Sou-

[1] *Thesouro da Nobreza de Portugal,* por fr. Manuel de Santo Antonio, reformador do Cartorio da Nobreza.

sa, senhor da Honra de Novellas, cazou com D. Gontinha *Gonçalves*, filha de D. Gonçalo Mendes da Maya, o *Lidador;* querem outros que D. Gontinha Gonçalves fosse terceira neta de D. Ramiro II, rei de Leão. Lá como quizerem: João do Couto não discutia isso, nem lhe importava que o genealogico Manuel de Sousa Moreira pozesse aquelle D. Egas na linhagem da casa de Lafões.[1]

Temos outra vez, n'esta familia dos Gonçalves da Samardan, D. Mor Gonçalves casada com Affonso Lopes de Bayão. Por este ponto os leões de João do Couto encontram-se com as aguias da Honra de Azevedo, pela alliança de um neto de D. Alvaro de Bayão com a supradita Gonçalves.[2] Giravam outrosim nas arterias de João do Couto alguns globulos do sangue do ricohomem de Castella D. Gomes *Gonçalves* Girão,

[1] *Theatro historico-genealogico y Panegirico de la excelentissima casa de Sousa*, pag. 94. N'estas materias graves a exactidão das citações é cousa capitalissima.

[2] *Historia genealogica da Casa Real*, tom. XII, parte I, pag. 237.

irmão do senhor da casa de Girões. Consulte-se *Gludiel* «Compendio de los Girones» pag. 48.

Desastres, transformações, mudanças de tempos, quedas e renovações de nobreza, em tempos de Affonso III, de D. João I, de D. João II, dos Filippes, de D. João IV fizeram que os Gonçalves avós de João Evangelista vivessem de fazer carvão nas serras da Samardan; todavia, o lavrante do alvará, repondo os prenomes de *Donana* tia Maria Florencia e na tia Maria Gonçalves, mãe e avó de João do Couto, endireitou esta linhagem que andava torta, e limpou-a do pó das carvoarias.

*
* *

João Evangelista Villa Real, cavalleiro professo na Ordem de Christo e fidalgo com exercicio, viveu a longa vida dos anciãos que encaneceram com a serena consciencia dos patriarchas, e em provectos annos se mantiveram para exemplo da

mocidade. Devia de orçar pelos setenta e sete, quando ha quatro annos adormeceu no infinito somno dos cavalleiros professos, envolto no manto da ordem com o seu largo peito ornado da cruz vermelha. Ali, no jazigo do ultimo descendente bem aproveitado dos Gonçalves, apodrece o primeiro fidalgo, e porventura o derradeiro da Samardan.

Não deixou descendencia, porque tinha de menos na arte de fazer homens o que lhe sobrava no engenho de os desfazer. A sua viuva passou a segundas nupcias com um sobrinho remoto do defunto. Não sei se ha raça de Gonçalves n'esta enxertia; mas D. Clemencia entrou segunda vez na corrente de D. Gontinha.

*
* *

N'esta novella-biographia ou biographia-innovellada, não a quiz fazer chorar, minha senhora. Vossa excellencia já sabe que eu—o der-

radeiro cultor do romance plangente n'este paiz onde a litteratura se está refazendo com fermentações de côres varias e jogralidades vasconsas, —premindo com o dedo umas certas molas do mechanismo da sentimentalidade, faço tremeluzir no setim de suas pestanas umas camarinhas de preciosas lagrimas. Tambem não quiz que vossa excellencia se risse. Este livrinho tem intuitos graves, e encerra uma idéa encoberta, porque idéas descobertas já raramente apparece uma. Tenho o desvanecimento de conjecturar que a philosophia d'este opusculo hade dar de si. Pretendo anniquilar a fidalguia d'estes reinos movendo vossas excellencias a não consentirem que seus esposos, afidalgando-se como João do Couto, concorram juridicamente aos bailes do Paço com facinorosos de torna-viagem.

FIM

PQ
9261
C3A15
1877
v.9

Castello Branco, Camillo
Novellas do Minho

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 01 004 5